

Uma aliança de opostos para estancar o futuro

LUIZ CARLOS LISBOA

O País está descobrindo com espanto o próprio rosto, no espelho polido da Assembleia Nacional Constituinte. É difícil aplicar ao Brasil o que Francis Bacon disse um dia sobre a relação inevitável de conhecimento e poder. A emoção, a insegurança e as conveniências pessoais contam mais, entre nós, do que a informação e o conhecimento. A atual Constituinte é representativa do povo brasileiro no que se refere ao seu perfil, não no que diz respeito aos interesses da Nação, os reais e os imediatos. A sessão da noite de quinta-feira, em que foram nacionalizadas a futura Carta a pesquisa e a lavra de recursos e jazidas minerais em território nacional, mostrou mais da nossa verdade coletiva que todos os estudos antropológicos, sociológicos e comportamentais jamais escritos por aqui. As superstições do nacionalismo estão vivas e acesas em muitos de nós, e substituem com notável eficácia a preservação lúcida das próprias riquezas que todos os países do mundo praticam. Onde a afetividade e a emoção substituem a informação e o conhecimento, o poder é exercido afetiva e emocionalmente, com todas as consequências que isso pode acarretar, e que nós vamos colher em breve.

Na quinta-feira, cumpriram o ritual emocionado de cantar o Hino Nacional após a vitória fazendeiros e empreiteiros, admiradores do Conselho de Segurança Nacional e autores de proposta para extingui-lo, representantes de mineradores, nacionalistas românticos, defensores e inimigos mortais dos militares. A letra do Hino Nacional era alguma coisa surrealista, naquele instante, porque os intérpretes não o haviam cantado muitas vezes na vida, mas o ardor com que entoavam os acordes patrióticos era comovente (ou "arrepante", como disse o senador Passarinho). Irmãos no interesse comercial (mortes aos concorrentes estrangeiros!), na mais absoluta desinformação (a maioria não analisou e muitos não leram sequer as emendas), e na disciplina ideológica (a ordem é afastar o capital o estrangeiro porque é muitas vezes norte-americano, e qualquer outro porque traz prosperidade e estraga o "caldo de cultura" do descontentamento), foram votadas a definição de empresa nacional, a pesquisa e a lavra de recursos e jazidas minerais, com direito a palavras de ordem, hino e passeata.

Num mundo que se une e que mistura seus interesses, o Brasil regrida aos primeiros degraus do isolacionismo, e espera em breve alcançar o estágio em que estava o Japão quando foi redescoberto pelo comandante Perry. Depois, com certeza, virá um longo período de fascínio e sedução pelo resto do mundo, quando a moda estrangeira será imitada com servilismo, até que um novo surto xenofóbico possa nascer das cinzas. Duas ou três gerações terão passado, e nossos minérios continuarão conosco, graças a Deus, embora provavelmente sempre sob a terra. Ser nacionalista "modelo década de 40" seria arriscar-se, em qualquer país do mundo, a entrar num museu e depois não poder mais sair, confundido

com uma das peças em exposição. Entre nós é quase normal. Por isso, a Constituinte é o que é — e, mais extraordinário, é o que somos, nossa cara, nosso caldo coletivo. A Assembleia foi eleita pela cabeça média brasileira, suponhamos: o que está aí resulta da superstição média, isto é, da visão média dos cidadãos. Não há essa história de "brasileiro não sabe votar". Nada disso. Brasileiro só pode votar como votou porque os elementos de que dispõe para avaliar o mundo estão encharcados de velhas crenças político-sociais. Deputados, senadores, governadores e constituintes não são forjados no Olimpo, mas nascem e vivem em cidades grandes e pequenas, no campo, na montanha, no litoral, exercendo todas as profissões. O que falta aos eleitores, falta aos eleitos: informação, conhecimento, independência, capacidade de fazer escolhas fundamentadas.

A "Terceira Onda" está tornando comuns os interesses das várias nacionalidades, e um dia vai abolir as fronteiras. Inseguros e petrificados no tempo, alguns homens têm horror a essa possibilidade. Outros, nem sabem que isso é possível. Os meios de comunicação têm mudado a alma das pessoas, onde é maior a informação, mas ainda não fizeram entre nós o que a força de sua verdade permite esperar dela. O jornal, com a credibilidade que passa, a TV, com sua iminente comunicação nos dois sentidos, e interesse crescente pela administração condominial de distritos, bairros e edifícios, tudo leva a ampliar consciência, conhecimento dos fatos, capacidade de opção, informação em geral. Um povo que governa a própria vida sabe como quer ser governado. A tecnologia desenvolvida no Exterior, para transformar em riqueza bens que estão sob nossos pés, será conquistada por nós, sem ajuda dos outros, com certeza, em cem anos: nesse meio tempo, os "lá de fora" já conhecerão outros processos mais econômicos, e nós continuaremos (cheios de admiração) temendo e odiando descaradamente esses vizinhos ricos. Faz-se a mistura de orgulho com sentimento de inferioridade.

A aliança que o Conselho de Segurança Nacional firmou com a esquerda para aprovar a nacionalização de quinta-feira passada, criou um precedente que constrangeu uma das partes e despertou vivas esperanças na outra. O futuro é promissor para os malditos de ontem, e é natural que essas pontas do espectro tenham-se, afinal, encontrado. Os primeiros repetem um aprendizado que não mudou desde o Império, em torno de símbolos e fatos da nacionalidade. Os segundos agem por disciplina ou mania, e seus inimigos são de fato os que ameaçam seus grandes amigos. Não é preciso muito esforço para entender sua jogada, basta ler atentamente os jornais. A defesa da "soberania nacional" é expressão feita sob encomenda para calar argumentos, secar sorrisos, proibir divergências. O nacionalismo mal-intencionado é sempre óbvio, mas conhece a força dos seus motivos evidentiíssimos, sabendo usá-la com imensa esperieza. Como na quinta-feira passada, como nos últimos 70 anos neste País.



Genivaldo Batista — Presidência da República

Geisel vê Sarney e lamenta "detalhismo" da Constituinte

Nova Carta terá vida curta, garante Geisel

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

A Assembleia Nacional Constituinte está elaborando nova Carta que peca por ser muito detalhista e tem todos os requisitos para "vida curta". A avaliação foi feita ontem pelo ex-presidente Ernesto Geisel, que se reencontrou com parlamentares e ex-ministros de seu governo durante breve passagem por Brasília, que agitou o meio político.

Geisel reafirmou que, pela informações que possui, dificilmente a nova Carta terá condições de durar o tempo necessário de uma Constituição. O senador Marco Maciel (PFL-PE), considerado discípulo fiel das idéias de Geisel, admitiu que, como ele, o general também vê dias difíceis para o País, embora não abandone o otimismo. "O que devemos fazer é terminar a Constituição o mais rápido possível e encontrar formas de vencer a crise."

Ao saber da presença de Geisel na cidade para participar da solenidade de comemoração dos 50 anos da fundação do Conselho Nacional do Petróleo (CNP), o presidente José Sarney convidou-o para uma conversa no Palácio da Alvorada. O ex-presidente resistiu a todos os pedidos de entrevista à imprensa.

No Alvorada, Geisel permaneceu uma hora a portas fechadas com o presidente Sarney, numa conversa em que, segundo o portavoza palaciano, Carlos Henrique Santos, foi feita avaliação detalhada da situação política e econômica do País. Mais tarde, soube-se que o ex-presidente manifestou completo apoio à decisão do governo de atacar o déficit público através de várias frentes, entre elas os cortes nos ministérios.

Ainda no Alvorada, o círculo de amizades e reverência ao ex-presidente ia crescendo à medida que se tornavam cada vez mais enigmáticas as conversas. O chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI), general Ivan de Souza Mendes, tentou desmistificar o encontro: "É um encontro de amigos, não sei de nenhuma articulação".

No Hotel Nacional, onde participou das comemorações dos 50 anos do CNP, surgiram especulações sobre uma possível articulação política devido à presença de parlamentares como Marco Maciel e Jorge Bornhausen. Maciel foi o único que ficou para almoçar. Disse apenas que gosta de ouvir a opinião do ex-presidente, que considera alguém "muito experiente e excelente observador da realidade brasileira".

No Conselho Nacional do Petróleo — órgão que já presidiu — Geisel ouviu, sério, um inflamado discurso do ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, com críticas ao atual governo. Empolgado, Aureliano disparou para todos os lados, atacando os que pregam o "otimismo inconsequente" e o "pessimismo doentio".

Aureliano cobrou "firmeza e segurança" dos que têm a responsabilidade de dirigir o País. E deu um

recado duro: "O governo não é uma vaca que se alimenta no céu e se ordenha na terra". Acrescentou que a responsabilidade pesa mais nos ombros dos que comandam o poder. Muito aplaudido no final, Aureliano não quis dizer a quem estava se referindo especificamente. "São considerações de ordem genérica", comentou.

Para Aureliano, o Brasil padece do "mal oscilante": "Ou se está vestindo a camisa de Antônio Conselheiro ou buscando um bode explatório". É necessário — completou — "zelar pelo patrimônio público, que não pode ser manejado a bel-prazer daqueles que dirigem".

Ao deixar o salão da solenidade, Geisel não fez nenhum comentário sobre o discurso, concordando apenas que tinha prestado atenção. O ministro, não escondendo o apreço por Geisel, que o escolheu para vice-presidente de João Figueiredo, elogiou o general: "Eu sou e sempre serei um admirador do presidente".

Geisel conversou com o ex-ministro Hélio Beltrão, com o chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes, o ministro da Aeronáutica, brigadeiro Octávio Moreira Lima, assim como o general França Domingues, atual presidente do CNP. Todos, no entanto, negaram a existência de um "Grupo Geisel" no governo. "Isto é especulação", disse Moreira Lima. "O nosso maior interesse é o interesse da Nação, e queremos que ela cresça independentemente de qualquer grupo", concluiu.

Os comentários sobre o grupo acabaram por irritar Aureliano, que se dirigiu aos jornalistas afirmando ser o ex-presidente "um homem que merece a nossa admiração e respeito pelo que fez ao País". Ele ressaltou a importância da administração Geisel, suas idéias e dedicação, e reconheceu que suas opiniões são sempre ouvidas com interesse. Deu o assunto por encerrado, passando a falar sobre outros temas. Elogiou então a decisão da Constituinte de impedir novos contratos de risco para prospecção de petróleo e outros minerais, e de garantir a continuidade das empresas estrangeiras no setor de distribuição de combustíveis. "Essas decisões preservaram o interesse nacional", afirmou.

O ministro das Minas e Energia voltou, então, seus comentários contra o Plano Cruzado, acusando a imprensa de ter promovido uma "euforia prejudicial" e alegando que aquelas medidas econômicas "nunca foram uma tábua de salvação". Não se resolveu problemas através de decreto. Pode facilitar, mas de repente salta-se para o pólo oposto", afirmou, fazendo uma comparação entre o clima de euforia que reinou logo após a decretação do plano e os problemas que dele decorreram. "Não vamos superar os problemas como num passe de mágica", afirmou o ministro para argumentar em seguida que "o Brasil tem futuro" mas que para que esse objetivo seja atingido é necessário o trabalho "da maior parte de seus filhos".